

## ΗΣΙΟΔΟΥ ΕΡΓΑ ΚΑΙ ΗΜΕΡΑΙ

Μούσαι Περιήθεν ἀοιδῆσιν κλείουσαι  
δεῦτε, Δί' ἐννέπετε, σφέτερον πατέρ' ὑμνείουσαι  
ὄντε διὰ βροτοὶ ἄνδρες ὁμῶς ἄφατοί τε φατοί τε,  
ῥητοὶ τ' ἄρρητοί τε Διὸς μεγάλοιο ἔκητι.  
ῥέα μὲν γὰρ βριάει, ῥέα δὲ βριάοντα χαλέπτει, 5  
ῥεία δ' ἀρίζηλον μινύθει καὶ ἀδηλον ἀέξει,  
ῥεία δέ τ' ἰθύνει σκολιὸν καὶ ἀγήνορα κάρφει  
Ζεὺς ὑψιβρεμέτης, ὃς ὑπέρτατα δώματα ναίει.  
Κλύθι ἰδὼν αἰών τε, δίκη δ' ἴθυνε θέμιστας  
τύνη· ἐγὼ δέ κε, Πέρση, ἐτήτυμα μυθησαίμην. 10

Οὐκ ἄρα μῶνον ἔην Ἑρίδων γένος, ἀλλ' ἐπὶ  
γαίαν  
εἰσὶ δὺν· τὴν μὲν κεν ἐπαινέσσειε νοήσας,  
ἢ δ' ἐπιμωμητή· διὰ δ' ἄνδιχα θυμὸν ἔχουσιν.  
ἢ μὲν γὰρ πόλεμόν τε κακὸν καὶ δῆριν ὀφέλλει,  
σχετλίη· οὔτις τὴν γε φιλεῖ βροτός, ἀλλ' ὑπ'  
ἀνάγκης 15  
ἀθανάτων βουλήσιν Ἑριν τιμῶσι βαρεῖαν.  
τὴν δ' ἐτέρην προτέρην μὲν ἐγείνατο Νύξ  
ἔρεβεννή,  
θῆκε δέ μιν Κρονίδης ὑψίζυγος, αἰθέρι ναίων,  
γαίης ἐν ῥίζησι, καὶ ἀνδράσι πολλὸν ἀμείνω·  
ἦτε καὶ ἀπάλαμόν περ ὁμῶς ἐπὶ ἔργον ἐγειρεν. 20

## Hesíodicas erga: dois momentos

Antonio Medina Rodrigues

Hesíodo, um dos grandes poetas da Antigüidade grega (era arcaica, 700<sup>a</sup> C.), é o autor da *Teogonia* e de *Os Trabalhos e os Dias*. Foi o primeiro poeta ocidental a mostrar-se nominal e ostensivamente em primeira pessoa. Sua obra é o registro mais completo de sua vida. *Os Trabalhos e os Dias* têm 828 versos hexamétricos. A matéria, didática e moralizante, desfia-se em algo “associativamente”, porém isto não lhe complica a unidade, nem lhe dificulta a leitura.

Depois do Proêmio, que contém um apelo para que se cumpram os ditames da justiça, vêm duas grandes partes. Na primeira (11-341), e por meio da representação mítica da vida, Hesíodo quer convencer seu irmão de que o mal provém de uma contínua *hybris* processada no no seio das gerações e raças mais antigas da humanidade. E, contra essa faina da maldade, o remédio, para Hesíodo, é trabalhar. Pois o trabalho é a base da justiça humana, dado que a base divina vem de Zeus. E, como não há salvação fora destas duas, Hesíodo verbera os que devoram as poupanças dos incautos ou tolos (um deles é Perses, o irmão), por meio de pendências e discussões em praça pública. É mesmo possível que, a essa altura, Hesíodo polemize com a velha prática do controle discursivo e aristocrata da sociedade, coisa comum na Grécia arcaica, e por sinal testemunhada em Homero, sobretudo na *Odisséia*. Hesíodo criou-se na Beócia, região de austeridade camponesa, pouco afeita aos rompantes do heroísmo. Ele é contra a guerra. E não ostenta nenhum triunfalismo. Nem social, nem racial.

A segunda parte (342-764) possui caráter mais prático ainda, expresso inclusive na forma de aforismos e conselhos (a condução da vida, o envolvimento com vizinhos, os modos e formas da pecuária, as épocas do ano, as estações, o plantio, a colheita, a economia doméstica, e até mesmo uma certa resistência contra as incursões no mar).

Gigon, Cornford e outros têm apontado a precocidade de Hesíodo, e a célebre afirmação de Heródoto (2. 53, 2) segundo a qual Hesíodo e Homero haveriam sido os criadores dos deuses helênicos não faz muito jus à originalidade mental do autor de *Os Trabalhos e os Dias*. Tal como Hegel ou Vico fizeram vários séculos depois, Hesíodo também partia de um fundamento religioso absoluto. Mas, feito isso, nenhuma outra idéia era aceita se não passasse pelo crivo da experiência. Como um poeta-mestre que foi, ele busca uma verdade, e o mito, sob esse aspecto, é por ele tomado como estímulo e matéria de uma sondagem racional e sistemática. Hesíodo, afinal, objetiva uma história do mundo. Sua aproximação com os pré-socráticos, ainda que efetiva, é um pouco lateral, dado que, para além do pré-socratismo, Hesíodo anuncia que a cultura nasce do trabalho, e isso era novo na Grécia. Hesíodo exalta os lavradores e camponeses. Não por *esprit de corps*, mas porque de fato esse era o trabalho que ele conhecia, e o único que possibilitava uma totalização harmônica da vida, com os deuses, com os homens, e com a própria natureza. Sua visão, sem embargo de ser “pequeno-burguesa”, dado que o bem aí resulta do esforço de cada um em relação a si mesmo, é no mínimo uma visão concreta e dialética: o trabalho, afinal, vai mediando a si mesmo, até cristalizar-se na pura sabedoria. De certa forma, a insistência de Hesíodo na primeira pessoa não o leva ao subjetivismo, ainda que o tivesse colocado nos umbrais da lírica. Hesíodo influenciou Arquíloco, Semônides, Alceu, e até Calímaco, que é bem posterior a estes.

Ó Musas que, da Piéria, honrais com vossos cantos!  
A Zeus aqui entoai, com hinos, vosso pai,  
Por quem os homens são gloriosos ou inglórios,  
Obscuros ou famosos são mediante Zeus,  
O que fácil roborá, e ao valentão estiola,  
E ao cabisbaixo exorta, enquanto ao bamba entorta,  
Pois vibra Zeus o raio, e em altas mansões mora.  
Ouve e me olha, ó tu: com lei cumpras os tratos.  
E que eu a Perses narrar possa umas verdades.

## As duas

Na terra, uma só raça de Lutas não houve,  
Há, porém, duas: uma exaltas, se a conheces,  
Sendo outra uma execrável. São avessas no ânimo.  
Só destruições e guerras más faz uma delas,  
A infame. E homem nenhum a quer, mas, por afãs  
Fatais dos imortais, a densa Luta louvam.  
E a outra Luta é a outra Noite quem gerou,  
E o Cronida, que do alto rege e o ar habita,  
A enraizou à terra, e a fez melhor aos homens:  
Até um molenga esta sacode a trabalhar,  
Pois se ressentido de lavar quem outrem vê  
Polpudo, a semear esperto, e mais plantar,  
Gerindo a casa: esse vizinho inveja ao outro,  
Ao que amealha, eis boa Luta para os homens.  
Inveja os pares o arquiteto, o ceramista:  
Aedo inveja aedo, mendigo a mendigo.

Põe na tua alma, pois, ó Perses, coisas tais.  
Tua garra a Luta má não tire do trabalho,  
Só para veres e ouvires em praça mil pendências:  
Fugaz é a hora das pendências e das rixas,  
A quem no lar não tem comida armazenada,  
Sazonal, que da terra sai, trigal de Ceres!  
Se o tivesses, então farias lutas, rixas,  
De olho no alheio, mas tal ato não farias  
Outra vez. Nossa rixa, pois, esclareçamos  
Mediante as sumas leis, as que provêm de Zeus.  
Já dividimos nossa herança, e dela muito  
Arreataste, conduzindo-a, inglório, aos reis  
Papões, que nossa causa querem justificar,  
Idiotas, não sabem que mais que o todo é o meio,  
E que a fortuna grassa mais em malva e asfódelo!

## **Pandora e Prometeu**

Guardam os deuses o enigma dos víveres.  
Se a lavra toda num só dia produzisses,  
Tudo fora fácil: um ano inteiro descansavas.  
Sobre a lareira, o teu leme aquecerias,  
Fim do lavar com bois e mulas pacientes!  
Isso, porém, irado Zeus nos proibiu  
Pois Prometeu de anseios curvos o enganara,  
E Zeus aos homens deu desgraças, escondeu-lhes  
O fogo, que de novo o Japetionida  
Audaz roubou ao sábio Zeus, pra dá-lo aos homens,

Num cavo nártex, que ele oculta ao deus do raio.  
E irado o junta-nuvens disse contra este:  
“Ó Japetionida, sabes mais que os outros!  
Gozas teu roubo, o ardil que me pregaste  
Será um mal para ti, e para os mortais futuros,  
Fogo não lhes darei, mas pragas, com que todos  
Se alegrem na alma, a celebrar a sua maldade”.  
Falou, e riu-se o pai dos deuses e dos homens.  
A Hefesto excelso convocou para que rápido  
A um misto de água e terra a voz metesse humana,  
A força também, e, como às deusas, na cútis  
A forma bela, ardente e virgem. Manda a Atena  
As lavras do tear de cores ensinar-lhe,  
E a Afrodite as graças que na fronte ondulam,  
E o cio ardente, e as ânsias que amaciam membros.  
E para dar-lhe alma canina, instinto agudo,  
Indica Hermes, núncio e matador de Argos.  
Todos cederam ao líder Cronida, Zeus.  
E o Coxo insigne logo modelou na terra  
Casta virgem, consoante os termos do Cronida,  
Adereços e cintura deu-lhe gláucia Atena,  
Graças, e deusas e Peithô lhe põem mil contas  
De ouro pela cútis, e em torno da qual  
As belas Horas vernais flores engrinaldam.  
O porte inteiro lhe compôs Palas Atena.  
Porém o matador de Argos, breve Núncio,  
Mentiras nela pôs, e um ânimo fingido,  
(Como quis Zeus atroador), e a voz  
Lhe ultima o divo arauto, que à dama chamou  
*Pandora*, pois do Olimpo todos moradores  
Deram-na como um Dom, praga aos que comem pão.  
Concluso assim o embuste mau, e irretornável,  
A Epimeteu o Pai envia o Argicida,  
Leva o núncio o Dom dos deuses. E Epimeteu

Nem pensa no aviso do irmão: nenhum presente  
Pegar do Olímpio Zeus, mas, contra, despachá-lo,  
De volta, não trouxesse um mal para os humanos.  
Sem juízo aceita, e só compreende o mal agora.  
Na terra, houvera antigamente estirpes de homens  
Sem as penúrias, sem as fadigas do esforço,  
Sem as doenças, que aos humanos servem pragas.  
Mas a mulher, da jarra manobrando a tampa,  
Dispersou-as, e aos homens espalhou horrores.  
Só Esperança em suas celas indeléveis  
Ficou, sob as beiradas, nem pôde voar.  
Pois a tampa de novo a jarra bloqueara,  
(Idéias de Zeus egífero, que ajunta as nuvens)  
E entre os homens mil sofrenças vão-se alçar,  
Atufa-se de males oceano, a terra.  
Doenças vêm ao dia, mas, quando noturnas,  
Trazem por conta própria os males aos mortais,  
E na mudez, pois voz lhes tira o sábio Zeus.  
E assim, da síntese de Zeus não há escapar.

(1-104)

## **Conselhos práticos**

Depois, enfim, que do viver em casa houveres  
Recolhido, eu te rogo que arranjes um  
Peão sem família, e uma mulher sem prole  
(A que há parido é complicada), e um cão com dentes  
Aguçados não poupes do pão que lhe deres.  
Olha o ladrão, que dorme ao sol e à noite rouba-te!  
Dentro, cama e forragens guarda, a fim que haja

Para mulas e bois o necessário. E então  
Deixa tuas servas dar ar fresco a seus joelhos.  
Solta teus bois. E quando ao céu Órião e Sirius  
Despontarem, e a dedirrósea Aurora vir  
O Arcturo, traze as uvas para o corte, ó Perses,  
E em casa, sob o sol, as deixes por dez dias,  
Mais cinco a que se ensombrem, e, no dia seguinte,  
Depõe nas ânforas os dons do ledó Dióniso.  
E, enfim, quando se atufem as Plêiades e Íades  
E o poderio de Órion, não esqueças da hora  
Das sementeiras. E que o chão nos dê de dobro.  
E se te assalta o afã dos ínvios velejares,  
Quando as Plêiades, ao fugirem da possante  
Força de Órion tombam no mar enevoadado,  
Quando resmungam hálitos de todos ventos,  
Lembra-te então de trabalhar a terra, eu digo-te:  
Sem que te metas com navios em mar de vinho.  
Desvia a nave para a praia e, por todos  
Os lados calça-a com pedras, e que assim  
Da ira úmida dos ventos não se alveje,  
E, tirando o batoque, não se irá puir  
Coa chuva de Zeus. Põe na tua casa em ordem  
Teus cordoames todos e da singradora  
Nau dobra as asas e o bem lavrado timão  
Sobre a lareira eleva, aguarda a hora da voga  
Até que venha, e só então há que levar-se  
Ao mar a breve nau, com carga comedida,  
A fim que ao lar retornes com proveito,  
Qual fez meu pai e o teu, ó Perses bobalhão,  
Vogando em barcos a ganhar a dura vida,

E que após muito mar andado aqui chegara,  
Tendo largado em negra nau Cumas Eólida,  
Não por fugir obscuro, por riqueza ou ouro,  
Mas pela má pobreza que aos mortais doa Zeus.  
Fixou-se junto ao Hélicon, vila em penúrias,  
Ascra, ruim no frio, no estio, sem nada bom.  
Lembra-te, pois, ó Perses, que os trabalhos todos  
Têm sua hora, sobretudo a marinhagem.  
À nau, belas palavras, e ao veleiro as cargas!  
Enquanto cresça a carga, o lucro ao lucro alarga,  
E se em comércio ao investires teu instinto,  
Escapar quiseses da fome ou de outras dívidas,  
Do mar que estronda todo esquema te darei,  
Sem nada sofismar de barcas ou cargueiros,  
Pois numa nau jamais o ancho mar andei,  
Senão de Áulida até Eubéia, onde os Aqueus  
No inverno aquoso muitos povos congregaram  
Para zarpar contra Ílion de belas mulheres.  
De lá parti, para as contendas de Anfidamas!  
Garanto que ganhei com asas uma trípode,  
Que consagrei, por fim, às Musas helicônias,  
Lá onde elas ao cantar mavioso me iniciaram.  
Esse é meu tino com as naus bem pregueadas,  
Porém de Zeus da égide eu direi a idéia  
Pois hino sem rival as Musas me ensinaram.

(600-662)

(Texto em grego: Hugh G. Evelyn-White, M.A. *Hesiod the homeric hymns and homeric*. Harvard University Press. 1977).